



Universiteit
Leiden
The Netherlands

Zoonímia Histórico-comparativa: Denominações dos antílopes em bantu
Lima Santiago, J. de

Citation

Lima Santiago, J. de. (2020, February 26). *Zoonímia Histórico-comparativa: Denominações dos antílopes em bantu*. LOT dissertation series. LOT, Amsterdam. Retrieved from <https://hdl.handle.net/1887/85723>

Version: Publisher's Version

License: [Licence agreement concerning inclusion of doctoral thesis in the Institutional Repository of the University of Leiden](#)

Downloaded from: <https://hdl.handle.net/1887/85723>

Note: To cite this publication please use the final published version (if applicable).

Cover Page



Universiteit Leiden



The handle <http://hdl.handle.net/1887/85723> holds various files of this Leiden University dissertation.

Author: Lima Santiago J. de

Title: Zoonímia Histórico-comparativa: Denominações dos antílopes em bantu

Issue Date: 2020-02-26

INTRODUÇÃO

Os primeiros estudos no âmbito da linguística Histórico Comparativa bantu começaram por volta do século XIX. Utilizando o mesmo método que serviu de base nos finais do século XVIII para a descoberta das relações entre o Sânscrito e as línguas clássicas europeias, W. H. I. Bleek (1862)⁵, observou que era possível aplicar os métodos gerais também para o estudo das línguas africanas. Foi assim, que em sua obra '*Comparative Grammar of South African Languages*' publicada em (1862-1869), o termo 'bantu' apareceu pela primeira vez com o sentido linguístico. Por isso, o linguista é considerado o fundador da bantuística, pois foi o primeiro linguista a reconhecer que as línguas bantu tinham uma relação de proximidade com as línguas da Família Niger- Congo e Kongo-Kordofan.

A fase pós-Bleek despertou o interesse de muitos linguistas e/ou pesquisadores interessados em desvendar as diversidades linguísticas do continente africano e sobretudo, estudar as chamadas línguas bantu, dentre eles, merecem destaque neste período as obras descritas, Meinhof (1899-1910), Homburger (1913-1914), Greenberg (1963), Guthrie (1967-1971)⁶, Meeussen (1969-1980), dentre outros. As compilações desses autores são

⁵ O linguista observou que em muitas línguas bantu o termo '-ntu' e seus derivados, aparecem referindo-se ao ser humano, no singular **muntu** e no plural **bantu**. O linguista comprovou que nestas línguas existem um abrangente sistema de classes nominais, com um certo número de pares singular/plural. Seus estudos comparativos em relação às várias línguas do sul da África permitiram identificar que as línguas bantu tem características relevantes. O linguista mostrou que existe um grupo de línguas que apresentam características comuns e que elas estabelecem relações entre si.

⁶ Cf. *The Classification of the Bantu Languages* (1948). Nesta obra ele desenvolveu uma criteriologia afinadíssima para classificação das línguas ditas bantu. Seu modelo de classificação tipológica ainda é muito utilizado atualmente, embora algumas zonas tenham sido revista pelo Museu Real da África Central.

centradas, sobretudo no estudo dos léxicos em bantu, porém até agora, são referenciais teóricos indispensáveis para o estudo e aprimoramento das línguas bantu.

A fim de registrar os léxicos e enriquecer os estudos das línguas bantu, em 1969, publicado póstumo em 1980, a obra 'Bantu lexical Reconstructions' redigida por Meeussen, deu suporte aos pesquisadores, estudantes e/ou interessados nos estudos das línguas africanas, em particular, das línguas bantu. Neste cenário, os pesquisadores do MRAC⁷(Tervuren), Coupez, Bastin *et alii*, criaram uma base de protoformas *online*, o BLR, versão atualizada que data de (2003)⁸. Esta base de dados contém as protoformas sugeridas por Meeusen (1969), as séries comparativas sugeridas Guthrie (1967-1971) e também resultados de vários trabalhos de outros pesquisadores. Apesar de muitas protoformas serem problemáticas tanto do ponto de vista segmental quanto semântico, esse banco de dados é atualmente a fonte mais rica de entradas lexicais bantu. A base de dados do BLR (2003) consta atualmente com 9.823 itens de reconstruções lexicais. Quanto ao léxico específico aos nomes dos antílopes, o BLR (2003) consta com cerca de 64 protoformas, dentre elas, duas são recusadas (cf.*-gíá 1392 (0)/*-cètú 534 (0)).

À guisa de informação, a referida tese de doutorado é uma extensão de minha pesquisa de mestrado intitulada: Zoonímia Histórico-comparativa: os cinco grandes herbívoros africanos (2013). A ideia inicial da tese era completar os dados com línguas fora das zonas bantu e acrescentar na lista de coletas outros herbívoros. Porém, devido ao expressivo número de dados atestados e a necessidade de consolidar as protoformas sugeridas pelo BLR (2003) referente aos temas zoológicos, limitamos a pesquisa e optamos em analisar apenas as formas relativas aos nomes dos antílopes nas línguas bantu.

⁷ Museu Real da África Central.

⁸cf.http://www.africamuseum.be/en/research/discover/human_sciences/culture_society/blr/bantou_history

O tema da tese tem um caráter inovador, pois traz novos dados, e isso permitiu fazer uma reflexão mais abrangente das pesquisas anteriores referente aos estudos comparativos em zoonímia bantu. (cf. Nyirasafari (1982), Coupez (1984), Ankei (1986), Bancel (1986-1987), Hombert (1988), Mukalai Kabana (1988), Bastin (1994), Mouguiama e Hombert (2006) e Koni Muluwa (2009/2010). Esses autores concentraram-se sobretudo em estudar o léxico dos animais dentro de um mesmo grupo de línguas e/ou uma região. Por outro lado, a presente tese incluiu toda a área bantu (um grande número de línguas documentadas e ágrafas) e englobamos também um número maior de antílopes. Porém, é importante ressaltar que estes trabalhos anteriores foram de extrema importância para os estudos etnozoológicos em bantu, e serviram como alicerce para a realização desta tese.

A fim de trazer novas evidências lexicais suscetíveis a contribuir aos estudos das línguas bantu, a referida tese tem como objetivos gerais e específicos:

- Analisar os possíveis cognatos⁹ que designam alguns antílopes em bantu, assim como, evidenciar os processos diacrônicos que derivaram os conjuntos dos reflexos atuais.
- Contribuir para atualizar as 64 propostas de reconstruções relativo aos nomes dos antílopes existentes no BLR (2003) e assim colaborar para o enriquecimento lexical da protolíngua.
- Colocar em evidência alguns processos de criações lexicais comuns nas línguas naturais, de modo geral, e nas línguas bantu em particular, tais: reduplicação, a derivação nominal e verbal (deverbativos), assim como a ampliação semântica, a metátese e a metáfora.
- Colocar em evidência novas protoformas em nível de bantu comum.

⁹ Chamam-se de cognatos vocábulos que tem, etimologicamente, uma origem comum (aparentados nas formas e no sentido).

- Explicar as possíveis irregularidades atestadas nos cognatos, fundamentadas na evolução histórica de cada língua.
- Explicar as semelhanças óbvias entre palavras pertencentes a, diferentes línguas e/ou dialetos bantu.
- Reconstruir a protolíngua pela suposição de que as mudanças de sons são regulares em cada língua e/ou dialeto bantu.

A tese apresenta uma relevância científica, social e cultural, uma vez que, coloca em visibilidade a fauna do continente africano, mostrando o seu grande potencial cultural e sobretudo, sua grande biodiversidade etnozoológica. Além do mais, a tese contribui para um melhor conhecimento do vocabulário específico à fauna africana.

O trabalho serve também como referencial teórico para estudos posteriores relacionados a reconstruções do protobantu referente aos nomes dos antílopes, bem como, para despertar o interesse científico de outros curiosos e/ou pesquisadores que são motivados pela busca de conhecimento científico nas línguas bantu.

Metodologia:

A metodologia da tese é basicamente de natureza bibliográfica e baseia-se nos princípios fundamentais da Linguística Histórico-comparativa (método comparativo).

O método comparativo desenvolvido no século XIX por Rasmus Rask, Karl Verner e Jacob Grimm segue o princípio básico de que as palavras com significações parecidas em línguas suspeitas de serem descendentes de uma mesma protolíngua apresentam correspondências sistemáticas o que permitem reconstruir a língua ancestral comum as essas línguas aparentadas. Valendo-se de regras fonético-fonológicas o método comparativo procura:

- Explicar semelhanças óbvias entre palavras pertencentes a, diferentes línguas e/ou dialetos admitindo que essas línguas são relacionadas entre si;
- Procurar reconstruir a protolíngua pela suposição de que as mudanças de sons são regulares.
- Presumir que cada som de um dado dialeto mudará para determinada ocorrência em circunstâncias semelhantes.

Partindo desse princípio, a elaboração da tese comportou basicamente com as seguintes fases principais:

- (a) levantamento dos principais referenciais teóricos da Linguística em geral e da Linguística bantu em particular.
- (b) coletas de dados em dicionários, gramáticas, léxicos de línguas africanas de modo geral.
- (c) e finalmente, análises e interpretações dos dados

Levantamento dos dados:

A primeira fase de um trabalho comparativo é a coleta de dados em um número expressivo de línguas e/ou dialetos, presumidamente, pertencentes a mesma família linguística. Nesta fase de coleta é importante atentar-se para as semelhanças (fonológicas e semânticas) das palavras coletadas.

O levantamento do *corpus* foi realizado através de uma pesquisa quantitativo-qualitativa no maior número possível de obras entre os mais de 11000 (onze mil), livros, dicionários específicos de línguas africanas, léxicos, gramáticas, artigos, glossários, teses, dissertações, dentre outras obras, provenientes do

acervo bantuístico da biblioteca Lolemi¹⁰ do Serviço de Cultura e Sociedade do Museu Real da África Central (MRAC-Bélgica/Tervuren).

Os dados comparativos são oriundos de várias fontes. A maioria dos dados são provenientes de fontes linguísticas recolhidas na biblioteca Lolemi. Uma parte dos dados foi gentilmente cedida por alguns linguistas como, por exemplo, Bastin e N & P (1975)¹¹. Os dados com a referência Herroelen (1959), provém da pesquisa (não publicada), coletados por Bastin. Até o momento, não atestamos o referido manuscrito para confirmar os dados, por isso, essa fonte segue ausente nas referências bibliográficas.

A fim de completar os dados linguísticos em línguas não documentadas, alguns dados foram gentilmente cedidos por estudantes/pesquisadores de Tervuren e/ou exteriores (cf. Devos (2016), Persohn (2016), Calawia (2015), De Wit (2015), Maniacky (2019)). No quadro dos reflexos utilizamos como referência para essas fontes a expressão ‘comunicação pessoal’.

Com o intuito de desmistificar os problemas semânticos e/ou erro de identificação de algumas espécies atestadas nas fontes linguísticas, recorreremos a obras literárias, zoológicas, e antropológicas. Sendo assim, uma parte dos dados comparativos são provenientes de fontes como Shortridge, (1934), Ansell (1978), Wilson (2005), Bidounga (2007), Swynnerton (1946), Wilson (2005) dentre outros.

Os livros provenientes dos estudos em zoologia foram também de extrema importância na parte de identificação científica e semântica de alguns temas. Em muitos casos os sentidos são baseados nas sugestões oriundas dos livros de zoologia, uma vez que, as sugestões semânticas nas fontes linguísticas são pouco confiáveis. É o caso, por exemplo, de alguns dados provenientes das

¹⁰ Palavra que significa língua, em bantu < *-dímì 973 (1).

¹¹ Nurse, Derek & Gérard, Philippon (1975). *Wordlist the Tanzanian Language. Survey* (TLS).

fontes como *The Tanzania Language* (TLS) recolhidos por N & P (1975), que apresentam problemas semânticos, por exemplo: F31 nyilamba mpala ‘grant’s gazelle’ (N & P, 1975), porém segundo (Yukawa, 1989:20) mpala ‘impala’. Sendo assim, mesmo se em alguns casos os nomes científicos exatos são desconhecidos, sugerimos o sentido a partir dos nomes vernaculares das espécies atestados nos livros de zoologia. Em alguns casos para a identificação científica das espécies tivemos o apoio e colaboração dos pesquisadores (zoólogos) Gilissen e Wim da sessão de etnozologia do MRAC (Tervuren).

Uma pesquisa em toda área bantu e em várias fontes resultou em uma riquíssima base de dados. A base de dados é constituída atualmente de aproximadamente oito (8) mil entradas lexicais. Devido ao fato que temos uma lista de dados bem mais atualizada, reinterpretados e enriquecemos tanto do ponto de vista segmental/suprasegmental quanto semântico, as 64 propostas de reconstruções atestadas no BLR (2003), assim como as sugeridas por Mouguiama e Hombert (2006). Marcamos na tese essas correções da seguinte maneira: *-gùdúdu 4618 (5) cl. 9 >°-gùdúdù (cl. 9/10, 7/8). Isso contribuiu para melhorar a fiabilidade das protoformas que designam os nomes de certos antílopes no banco de dados do BLR (2003). Contudo, deixamos em cada subitem a antiga fiabilidade do BLR (2003). Não sugerimos uma fiabilidade aos temas, mesmo se através do expressivo um número de dados e das análises acreditamos que muitos temas são de origem protobantu¹². A revisão da fiabilidade das protoformas é um trabalho que faremos posteriormente com a equipe de linguistas do Museu Real da África Central (MRAC).

As protoformas reconstruídas pelo BLR são marcadas com um asterisco (*). As propostas de temas sugeridas por Mouguiama e Hombert (2006) e por

¹² Língua hipotética que foi reconstruída a partir de cognatos. É considerada pelos linguistas como a possível língua-mãe da imensa família bantu, que conta com um número aproximadamente de 600 línguas. De acordo com as hipóteses o protobantu foi falado aproximadamente há 3000 anos atrás.

Medjo Mvé (1997), são marcadas com dois diacríticos (°°) e as novas propostas são marcados com um diacrítico (°).

Separamos os dados em tabelas de acordo com a regularidade dos fonemas em relação ao tema (étimo) de origem. Com o intuito de deixar evidente os reflexos que contribuíram para as 64 reconstruções sugeridas pelo BLR e as contribuições zonais atualizadas, dividimos em tabelas os reflexos provenientes do BLR e logo abaixo as novas contribuições linguísticas (zonais) levantadas no quadro desta pesquisa. Considerando que a maioria dos reflexos são regulares, destacamos nas tabelas (com a cor cinza-claro) apenas os substantivos irregulares do ponto de vista segmental (consoantes e vogais). As irregularidades são quase sempre exemplificadas nas discussões de cada tema. Desconsideramos as irregularidades suprasegmentais atestadas nos reflexos devido aos problemas de divergências tonais (e/ou falta de fiabilidade) proveniente de algumas fontes.

Referente à transcrição fonética, reproduzimos nas tabelas os dados tais como encontramos nas obras segundo transcrição dos autores. A fim de uniformizar a grafia de certos substantivos, em alguns casos adaptamos a fonética dos autores de acordo com o sistema de transcrição utilizado pelo alfabeto fonético internacional (no caso, por exemplo, das línguas com clicks), essas traduções seguem na tese em nota de rodapé. Para a notação das vogais, adotamos o sistema fonético utilizado pelo BLR (2003), ou seja, /i ɪ e a o u u/.

No que diz respeito às propostas de Mouguiama e Hombert (2006), normatizamos o sistema vocálico de alguns substantivos de acordo com o sistema fonético adotado na referida tese, por exemplo, °°-come > °°-cumí ‘*Cephalophus nigrifrons*’/°°-cíbò > °°-cíbò ‘*Cephalophus dorsalis*’, °°-pécé > °°-pécé ‘*Cephalophus leucogaster*’.

Alguns autores utilizam nos dados caracteres especiais, neste caso, colocamos ao lado do substantivo a transcrição fonética destes fonemas e/ou sugerimos algumas explicações fonéticas segundo as fontes. Em alguns casos os dados

provenientes de uma mesma fonte apresentam vários caracteres especiais segundo a fonética do autor. Com o intuito de não repetir cada vez os mesmos problemas fonéticos, explicamos em notas de rodapé, na primeira vez que aparece o nome do autor, algumas notações fonéticas gerais, é o caso, por exemplo, dos substantivos sugeridos por Bourquin (1923)¹³, N'sanda e Kyanza (1996), Doke (1933), Gillis, (1981), Galley (1968), Rodegem (1967/1970). A fonética de alguns substantivos provenientes das fontes como Swynnerton (1946), N & P (1975), Passarge (1905), Lukusa (2002) e Herrmann (1904), são problemáticas, pois os dados geralmente provêm de léxicos e os autores nem sempre sugerem explicações nas notas introdutórias do que representa certos fonemas no IPA.

Incorporamos em muitos substantivos o sistema de classe nominal¹⁴, de acordo com a forma singular/plural sugerida pelos autores para cada língua. Para isso, levamos em consideração as 20 classes reconstruídas do protobantu e suas semânticas: Vejamos a tabela abaixo:

¹³ Nos dados provenientes da fonte de Bourquin leiam-se os fonemas de acordo com o sistema fonético internacional: š [ʃ], bb [b], ñg [ng], ñk [nk], ɿ [ɿ], dž [j], 'k [k], ñ [ɲ], v [β]. (cf. Bourquin 1923: 27-30).

¹⁴ As classes nominais nas línguas bantu são classes de concordância que se manifestam geralmente por meio de afixos classificadores que são significantes descontínuos constituídos por prefixos nominais substantivais (PN), prefixos nominais adjetivais (PA), prefixos pronominais (PP), prefixos verbais (PV) e infixos verbais (IN). Para identificar a qual classe pertence uma palavra é preciso considerar seu PN e os seus eventuais PA, PP, PV e IN, por meio dos quais os pronomes, os adjetivos e os verbos concordam com ele.

Number of nominal class	Bleek (1869:282ff)	Meinhof and Van Warmelo (1932)	Meeussen (1967:97)	Guthrie (1971:9)	Welmers (1973)
1	*mũ-	*mu-	*mu-	*mɔ	*mo-; 1a ɔ
2	*ba-	*ɸa-	*ba-	*ba-	*va-; 2a va-
3	*mũ-	*mu-	*mu-	*mɔ	*mo-
4	*mi-	*mi-	*mi-	*me-	*me-
5	*di-~*li-	*li-	*j	*yi	*le-
6	*ma-	*ma-	*ma-	*ma-	*ma-; ma-
7	*ki-	*ki-	*ki-	*ke-	*ke-
8	*pi-	*pî	*bǰ-	*bi-	*vi-; 8x *li-
9	*n	*ni-	*n-	*ny-	*ne-
10	*thin-	*lî-ni-	*n-	*ny-	*li-ne
11	*lu-	*lu-	*du-	*dɔ-	*lo-
12	*ka- (13)	*ka- (13)	*ka-	*ka-	*ka-
13	*tu- (12)	*tu- (12)	*tu-	*tɔ	*to-
14	*bu-	*ɸu-	*bu-	*bɔ	*vo-
15	*ku-	*ku-	*ku-	*kɔ	*ko-
16	*pa-	*pa-	*pa-	*pa	*pa
17	—	*ku-	*ku-	*kɔ	*ko
18	—	*mu-	*mu-	*mɔ	*mo-
19	—	*pî	*pǰ-	*pi-	*pi
20	—	*yu-	—		*yo-
21	—	*yî-	—		*yi-
(22)	—	—	—		*ya
23	—	—	i-(24)		*ye-

Tabela 1: (cf. The Bantu Language (2003: 103). A numeração original de Bleek-Meinhof aparece entre parênteses, onde difere da numeração atual; subclasses também estão incluídas; O fonema /v/ corresponde no IPA [β].

Os prefixos de classes nas línguas bantu geralmente indicam:

- Classe 1 e 2: designam seres humanos e alguns outros seres animados.
- Classe 3 e 4: referem-se notadamente, nomes de árvores, plantas e outras coisas inanimados.
- Classe 5 e 6: nomes que designam partes do corpo que formam pares.
- Classe 6: contém nomes que designam líquidos ou massas.
- Classe 7 e 8: contêm, notadamente, nomes que designam objetos.
- Classe 9 e 10: notadamente, nomes que designam animais.
- Classe 11 e 10: se refere a nomes que designam objetos finos e alongados.
- Classe 12 / 13 e 19: podem ter função diminutiva.
- Classe 14: pode ter função abstrativa (naturalidade, qualidade, estado.)
- Classe 15: é usada, notadamente, para indicar o infinitivo dos verbos.

Contudo, as classes e esses traços semânticos fornecidos pelos prefixos podem mudar de uma língua para outra; a semântica das classes citadas, refere-se principalmente ao kimbundu que, como vemos é uma língua que tem 15 classes.

Utilizamos também como material de apoio para as classes nominais, a obra de Maho (1999). Nas tabelas, as propostas de classes nominais sugeridas pela autora da tese são sublinhadas com um traço. Algumas propostas seguem conflituosas e sem sugestões de classes nominais, basicamente por duas razões:

- Nem sempre conseguimos identificar com clareza o prefixo de classe na língua. Isso porque geralmente alguns substantivos não apresentam a forma

no plural o que coloca em confusão os temas que tem como prefixo uma nasal, que nas línguas bantu geralmente pertencem à classe 9, porém, em algumas línguas poderiam também remontar as classes 1 e 3.

- Alguns dados oriundos sobretudo das fontes zoológicas, assim como alguns dados sugeridos por Mouguiama & Hombert (2006) e por N & P (1975), são quase sempre sem uma sugestão de classe nominal, sobretudo referente ao plural. Como não atestamos outras obras nas línguas pesquisadas por esses autores alguns temas seguem sem uma proposta de classe nominal.

Referente aos tons, incorporamos o sistema tonal em muitas protoformas, porém, alguns temas seguem sem uma proposta tonal e se justificam porque a língua perdeu a distinção tonal ou a notação tonal é ausente.

As vezes sugerimos no início de um subitem duas ou mais entradas que se diferem apenas por um traço distintivo (geralmente vogais ou consoantes). Isso significa que discutimos os reflexos dos temas no mesmo subitem, porém devido aos problemas de correspondências regulares os reflexos não são agrupados na mesma tabela, e provavelmente não remontam ao mesmo fonema *PB mesmo se, acreditamos em uma origem comum entre eles.

Referente a normatização dos nomes das línguas e zonas¹⁵ utilizamos a obra de Maho (2009), considerado como referencial teórico atualizado na classificação tipológica das línguas bantu.

A fim de normatizar a nomenclatura científica atestada nas fontes e de verificar as atuais subfamílias que pertencem cada gênero/espécie utilizamos como suporte o livro *'Mammal Species of the World, A Taxonomic and Geographic Reference'*, editado pelos autores Don E. Wilson and DeeAnn M. Reeder (2005). Até os dias atuais é a obra mais recente e atualizada relativo à classificação científica e descrições das espécies de mamíferos.

¹⁵ Grupos linguísticos em agrupamentos regionais maiores de línguas.

Utilizamos também como material de apoio o *site International Union for Conservation of Nature* (IUCN) e a obra '*Guide des mammifères d'Afrique*' redigido por Kingdon (1982, 2004, 2006, 2015) e Kingdon *et alii* (2013), sobretudo, para as descrições físicas e comportamentais das espécies, assim como, habitats e distribuição geográfica (países nativos). No caso dos mapas de habitats das espécies/subespécies e imagens recorreremos à obra Kingdon (2015). A fim de unificar a nomenclatura etnozoológica os nomes das espécies são marcados em itálico.

A fim de simplificar e colocar em evidência os temas discutidos na referida tese, assim como alguns problemas existentes nas protoformas oriundas do BLR (2003), sugerimos no final da tese duas tabelas recapitulativas das protoformas que incluem os sentidos sugeridos e/ou oriundos do BLR, todas as reconstruções atestadas no BLR, as devidas correções de algumas formas e as novas protoformas. A segunda tabela recapitulativa permite ao leitor ter uma visão rápida e global de todos os temas discutidos na tese e as distribuições zonais dentro do domínio bantu.

Análise dos dados:

Na parte das análises dos dados a primeira etapa foi formar agrupamentos de palavras de acordo com suas similaridades. Para isso, usamos alguns critérios do método comparativo a fim de verificar se as palavras (os possíveis cognatos) compartilhavam nas línguas pesquisadas correspondências sonoras regulares tanto do ponto de vista fonológico, morfológico quanto semântico entre si. Esta comparação serve, posteriormente, para estabelecer o grau de cognidade entre os cognatos e seus possíveis étimos¹⁶.

Com o propósito de refinar os agrupamentos, recorreremos às gramáticas e dicionários das línguas pesquisadas, e comparamos as regularidades

¹⁶ É provavelmente o vocábulo e/ou unidade lexical de onde se faz derivar outras formas linguísticas.

fonéticas-fonológicas diretamente com a fonologia de cada língua, isso permitiu também separar dos agrupamentos as palavras inaceitáveis e que são isoladas segundo a fonologia das línguas estudadas (das línguas bantu).

Através das correspondências sonoras regulares entre os cognatos nas línguas estudadas, estabelecemos um possível étimo para cada agrupamento.

Para propor étimos protobantu:

A proposta de um étimo parte de análises aprofundadas nos grupos de cognatos levando-se em conta os indícios suficientes que comprovem que os termos agrupados são cognatos e que remontam ao mesmo fonema na protolíngua, buscando também explicar os possíveis empréstimos e as formas irregulares, às vezes por fatores extralinguísticos.

Para estabelecer as correspondências sonoras regularidades entre um étimo e os possíveis cognatos gerados, é preciso considerar alguns universais linguísticos, tais como os princípios de direcionalidade, frequência e de economia dos fonemas nas línguas naturais. A Identificação etimológica considera o fonema (som) que aparecer no maior número de contextos/línguas (subgrupos de uma família de línguas) como sendo o segmento (fonema) candidato a ser reconstruída na língua ancestral.

A profundidade relativa de tempo de um possível étimo (protoforma) depende mais da distribuição de seus cognatos em diferentes subgrupos do que em um grande número de idiomas dentro de uma mesma região, ou seja, quanto mais dispersa uma forma no território bantu, maior a probabilidade dela ser arcaica. Um conhecimento aprimorado dos grupos genealógicos em bantu contribuem para a construção de hipóteses mais plausíveis. (cf. Bostoen e Bastin 2016).

Por fim, dividimos a tese basicamente em dois (2) capítulos:

Capítulo (1): abordagem onomasiológica: nesta parte, colocamos em evidência formas concorrentes dentro do domínio bantu para denominar uma mesma espécie de antílope. Dentre as protoformas, existem temas que foram reconstruídos e discutidos pelo BLR (2003), além de novos temas. Discutimos também, algumas formas que apresentam osculâncias e alguns temas que se caracterizam por apresentarem reduplicação parcial e total. Usamos mapas ilustrativos de distribuição linguística e dos habitats das espécies, isso permite ao leitor, identificar a dispersão das palavras mesmo em regiões onde a espécie não existe ou foi extinta.

Capítulo (2): temas com problemas de identificação semântica: abordamos temas que apresentam problemas semânticos (de polissemia, de ampliação semântica, etc), e temas com erro de identificação, proveniente de fontes pouco confiáveis. Incluímos também neste capítulo, os temas sem uma identificação precisa, e outros que parecem denominar certas espécies de antílopes que compartilham características peculiares ou que pertencem a mesma classificação zoológica. A maioria das protoformas discutidas neste capítulo, são inéditas. Com o propósito de facilitar a identificação dos mapas de habitats, de certas espécies discutidas em cada subitem, exibimos uma hiperligação dos mapas de habitats e distribuição de certas espécies. Isso facilitará ao leitor navegar pela tese caso precise conferir algum mapa de distribuição linguística ou de habitat. As motivações das mudanças semânticas de certos temas, são propostas cada vez que possível.